A IMPORTÂNCIA E O PODER DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NO UNIVERSO INFANTIL

JANAÍNA LIMA ALVES MONTEIRO

RESUMO

A contação de histórias é uma prática de imensa importância e poder no universo infantil. Desde tempos remotos, essa arte tem encantado e educado crianças ao redor do mundo, transmitindo valores, despertando a imaginação e estimulando o desenvolvimento cognitivo e emocional dos pequenos. Através das histórias, as crianças são levadas a um mundo mágico onde podem explorar diferentes realidades e personagens, permitindo-lhes compreender melhor o mundo ao seu redor. Uma das principais vantagens da contação de histórias é a sua capacidade de despertar a imaginação das crianças. Ao ouvir uma história, elas são convidadas a criar imagens mentais, visualizando os personagens, os cenários e os eventos descritos. Essa habilidade imaginativa é fundamental para o desenvolvimento da criatividade e da capacidade de resolver problemas, além de proporcionar um escape do mundo real, permitindo que as crianças sonhem e fantasiem. Além disso, a contação de histórias é uma forma poderosa de transmitir valores e ensinamentos às crianças. Através dos personagens e das situações vivenciadas nas histórias, as crianças aprendem sobre respeito, amizade, coragem, honestidade e diversos outros aspectos importantes para a formação de seu caráter. As histórias servem como ferramentas de ensino, pois apresentam dilemas e desafios que estimulam a reflexão e o desenvolvimento moral das crianças.

Palavras-chave: Criatividade; Desenvolvimento; Personagens.

INTRODUÇÃO

A narração de histórias deve ser apresentada às crianças em uma linguagem acessível, de maneira clara e dinâmica, para que possam compreender de forma satisfatória. Não adianta contar uma história utilizando termos que estejam além da faixa etária das crianças na educação infantil.

A contação de histórias também desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da linguagem e da comunicação das crianças. Ao ouvirem histórias, elas são expostas a uma variedade de vocabulário e estruturas linguísticas, enriquecendo seu repertório linguístico e ampliando sua capacidade de se expressar. Além disso, ao serem incentivadas a fazer perguntas e a compartilhar suas próprias histórias, as crianças desenvolvem habilidades de comunicação oral e adquirem confiança para se expressar em público.

Outro aspecto importante da contação de histórias é o fortalecimento do vínculo emocional entre os contadores e as crianças. Quando um adulto dedica seu tempo e atenção para contar uma história, ele cria um ambiente acolhedor e de proximidade, onde a criança se sente valorizada e amada. Esse momento de conexão afetiva é essencial para o desenvolvimento emocional saudável das crianças, pois lhes proporciona segurança, confiança e a sensação de pertencimento.

Ao se identificarem com os personagens das histórias e vivenciarem suas emoções, as crianças aprendem a se colocar no lugar do outro, a compreender diferentes perspectivas e a cultivar a compaixão. Essa habilidade de se relacionar com o mundo ao redor é fundamental para a formação de cidadãos conscientes e solidários.

No mundo atual, com o avanço da tecnologia e a proliferação de dispositivos eletrônicos, a contação de histórias tem um papel ainda mais relevante. Ela proporciona uma oportunidade de desconexão do mundo virtual e de estímulo à interação social e ao contato humano. Ao ouvirem histórias contadas por um adulto, as crianças aprendem a valorizar a presença física do outro e a experiência compartilhada, desenvolvendo relações mais profundas e significativas.

Em suma, a importância e o poder da contação de histórias no universo infantil são indiscutíveis. Essa prática milenar desperta a imaginação, transmite valores, estimula o desenvolvimento linguístico e emocional, fortalece os laços afetivos e promove a empatia nas crianças. Diante disso, é fundamental que pais, educadores e toda a sociedade valorizem e incentivem a contação de histórias como uma forma enriquecedora de interação e aprendizado para as crianças.

É imprescindível que a criança, para além de ouvir a narrativa, dialogue acerca dela, expressando suas emoções e aproveitando as histórias que lhe são apresentadas, tornando-as significativas e auxiliando-as a lidar com questões que possam estar causando-lhes algum desconforto.

De acordo com Bettelhein (2002, p. 74):

> A criança “sente” qual dos contos de fadas é verdadeiro para sua situação interna no momento (com a qual é incapaz de lidar por conta própria) e também sente onde a história lhe fornece uma forma de poder enfrentar um problema difícil.

É perceptível que a criança internaliza as vivências de sua existência e busca expres-

sar suas emoções através das narrativas que ouve, portanto, a presença de um profissional psicopedagogo é de suma importância durante o processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Amarilha (1997, p. 53):

Ao entrar na trama de uma narrativa, o ouvinte ou leitor penetra no teatro, mas do lado do palco ele não só assiste ao desenrolar do enredo como pode encarnar um personagem, vestir sua máscara e viver suas emoções, seus dilemas. Dessa forma, ele se projeta no outro e por meio desse jogo de espelho, ganha autonomia e ensaia atitudes e esquemas práticos necessários à vida adulta.

Nesse sentido, quando ouve uma narrativa, o indivíduo adentra nela, explorando seus sentimentos e emoções, que podem estar impactando sua vida de alguma maneira.

OS CONTOS DE FADAS E O TERRITÓRIO IMAGINÁRIO

Os contos de fadas são compartilhados em um território imaginário - um local mágico de possibilidades; um herói ou heroína, ou até mesmo ambos, enfrentam desafios, terrores e desastres em um mundo que, embora possua certa semelhança com as condições comuns da existência humana, difere amplamente em sua forma de funcionar, transportando os protagonistas - e nós, leitores ou ouvintes da história - para um lugar distinto onde maravilhas são comuns e desejos se realizam.

Os elementos que trazem milagres de esperança nas histórias variam de uma região para outra, oriundos de sistemas de crenças locais que pertencem à tradição. Essa tradição pode conter elementos imaginários, mas também vestígios históricos: fadas e duendes, por um lado, bruxas astutas e madrastas, por outro. A história muitas vezes se torna um conto imaginado: o rei Arthur inspirou romances que, por sua vez, carregam motivos e tramas de contos de fadas - objetos encantados (espadas, espelhos, xícaras), testes e enigmas, perigos de monstros e florestas, jornadas oníricas e uma sensação de um outro mundo próximo à mão. Os contos de fadas evocam toda forma de violência, injustiça e infortúnio, mas não precisam perpetuá-los.

A promessa de um final feliz conduz os contos de feitos terríveis e sombrios a uma conclusão improvável. Há ocasionalmente um conto de fadas conhecido que termina mal, como Chapeuzinho Vermelho, segundo Charles Perrault. Contudo, isso é uma exceção, como demonstram inúmeras variações populares nas quais a jovem enganar o lobo ou até mesmo a derrota. A versão mais difundida introduz um herói: os irmãos Grimm acrescentaram o pai à trama.

OS CONTOS DE FADAS NA HISTÓRIA

Quais são os traços distintivos de uma história mítica? Em primeiro lugar, trata-se de uma narrativa concisa, por vezes menores que uma única página, outras vezes se estendendo por muito mais, porém o termo já não se aplica, como antes, a uma obra romanesca. Em segundo lugar, os mitos são histórias familiares, provadamente antigas por terem sido transmitidas ao longo das gerações ou por evocarem semelhanças impressionantes com outras narrativas; eles podem parecer remendados e retocados, como uma colagem fotográfica com várias referências.

A sabedoria acumulada do passado foi investida neles - pelo menos, é a sensação que um mito irradia e a afirmação que esta forma tem feito desde as primeiras coleções. Os estudiosos de mitologia distinguem entre mitos populares autênticos e mitos literários; os primeiros costumam ser anônimos e despretensiosos, enquanto os últimos são assinados e datados, mas a história da transmissão dessas narrativas revela uma interação inseparável e fecunda.

Mesmo quando todos os esforços eram feitos para manter os dois ramos separados, os mitos insistiam em se tornar literatura.

De acordo com Kupstas (1993, p. 17):

Os contos de fadas são de origem celta e surgiram como poemas que revelavam amores estranhos, fatais e eternos. Por volta do século II a.c até o século I da era cristã, o povo celta acrescentou, a tantas histórias bem antigas, a presença forte das fadas, que seriam mulheres iluminadas capazes de prever o futuro de outra pessoa, normalmente alguém especial a quem elas protegiam. Assim, a imaginação popular dotou-as de asas, varas de condão e diminuiu o seu tamanho, mas sempre as vendo como belas e bondosas.

Uma característica distintiva dos contos de fadas emerge naturalmente da tradição oral e popular subjacente: a mescla e reconfiguração de enredos e personagens familiares, dispositivos e imagens. Eles podem estar associados a um conto de fadas específico - como "O Gato de Botas" ou "Cinderela" -, mas os contos de fadas são facilmente reconhecíveis, mesmo quando a identidade precisa da história em questão não é claramente definida.

Segundo Albino (2010, p. 4):

Embora a literatura infantil tenha surgido no século XVIII, foi somente no século XIX, que, relativizando, ainda que de maneira incipiente o flagrante pacto com as instituições envolvidas com a educação, ela define com a maior segurança os tipos de livros que mais agradam aos pequenos leitores, determinando suas principais linhas de ação: his-

tórias fantásticas, de aventuras e que retratem o cotidiano infantil.

Assim sendo, a escrita engloba períodos históricos e desempenha um papel significativo no processo de aprendizagem, além de influenciar os aspectos emocionais e afetivos. Essa observação é evidente através dos contos de fadas, desde tempos remotos até os dias atuais.

De acordo com Coelho (2001, p. 13):

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura: ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra, na verdade ela funde os sonhos coma e a vida prática, o imaginário é o real, os ideais e sua possível realização.

É notável que, conforme a época histórica de cada comunidade, os contos de fadas comunicam algo experimentado naquele contexto específico.

Conforme destacado por Schneider e Torossian (2009, p. 133):

O surgimento dos contos de fadas perde-se no tempo. A literatura registra que são histórias transmitidas oralmente de geração a geração e que, mesmo com toda a tecnologia existente, mantêm seu espaço de destaque narrativo junto à infância. Já não se reservam apenas à função de distração ou de acalanto ao sono das crianças, mas seu poder se expressa na magia e na fantasia que despertam no infante. Tornam-se, assim, alvo do estudo científico de diversas ciências do conhecimento e do desenvolvimento infantil, como a Pedagogia, a Psicologia e, em especial, a psicanálise.

Desde a revelação da fase infantil, as narrativas passaram por certas modificações com o intuito de satisfazer a imaginação e as demandas das crianças. Dessa forma, os contos passaram a ser contados por babás, tutoras ou "zeladoras" de crianças, perpetuando assim as histórias de origem folclórica.

Segundo Coelho (2001, p. 17):

O conto de fadas parece mesmo imortal. De mito primitivo, passando pela leitura poética dos celtas, tornando-se violento na Idade Média e modelo exemplar no século XIX, constitui hoje a literatura que a criança recebe da mãe, na hora de dormir. É o enredo inspirador para inúmeros filmes e desenhos animados na tevê.

Os contos mágicos revelam um infindável percurso de exploração e compreensão do universo. Portanto, a intervenção do profissional de psicopedagogia no contexto da aprendizagem é de suma importância, utilizando a leitura dos contos de fadas como uma ferramenta essencial para analisar situações que possam estar causando dificuldades na vida da criança ou até mesmo do indivíduo adulto.

Segundo Bettelheim (2002, p. 34):

Os contos fornecem percepções profundas que sustentaram a humanidade através das longas vicissitudes de sua existência, uma herança que não é transmitida sob qualquer outra forma tão simples e diretamente, ou de modo tão acessível, às crianças.

Assim sendo, ao explorarmos os relatos dos Contos de Encantamento, podemos discernir as indagações que preenchiam as mentes dos nossos predecessores, as vivências e experiências que serviram como alicerces para a humanidade foram transmitidas através das narrativas presentes nesses contos, utilizando uma linguagem descomplicada que atribui significados atemporais.

CONCEPÇÕES A RESPEITO DOS CONTOS DE FADA

Os relatos mágicos podem ser transmitidos de forma oral (por meio de narradores em diversas localidades geográficas e em diferentes períodos históricos até o presente) e/ou por meio da literatura (criados por autores renomados) em sua origem, mas se fazem presentes em uma infinidade de mídias, incluindo produções cinematográficas. Embora a abordagem Disney, com suas heroínas inocentes perseguidas, príncipes encantadores e finais felizes, tenha dominado a compreensão popular dessas narrativas (pelo menos no mundo de língua inglesa), os contos de fadas não necessariamente precisam conter esses elementos. Eles abrangem o mundo do fantástico, do mágico, do sombrio, do onírico, do desejo e do maravilhoso.

Os contos de fadas desempenham um papel importante nas questões de ética e moral, sendo transmitidos de geração em geração. Segundo Cezzaretti (1989, p. 26):

Os Contos de fadas revelam os conflitos de cada um a forma de superá-los e recuperar a harmonia existencial. Assim a tão famosa dicotomia entre o bem e o mal, presta-se numa terapia, a uma análise mais contundente da personalidade, na qual se permite trabalhar com sentimentos inconscientes que revelam a verdadeira personalidade.

Portanto, o modo de pensar e agir são inatos e podem ser moldados de acordo com as vivencias de cada indivíduo.

Fromm (1962, p. 16), afirma que:

A linguagem simbólica é uma língua em que as experiências íntimas, os sentimentos e os pensamentos são expressos como se fosse experiências sensoriais, fatos do mundo exterior. É uma linguagem cuja lógica difere da linguagem convencional que falamos

de dia, uma lógica que as categorias dominantes não são o espaço e o tempo, mas sim a intensidade e a associação. É o único idioma universal jamais criado pela raça humana, o mesmo para todas as criaturas e para todo o curso da história.

É evidente que os contos de fadas retratam a introspecção individual, sendo revelados através da análise interpretativa de cada narrativa.

Conforme Franz (1981, p. 73):

O Conto de Fadas é composto por um significado psicológico essencial. Tentam descrever um único fato psíquico – o SELF – que devido a sua complexidade necessita ser representado sob diversos aspectos e em diferentes histórias. O Self representa a totalidade do indivíduo e também é o centro do sistema regulador, do qual depende o bem-estar do indivíduo, ou seja, quando o EGO se harmoniza com toda a personalidade. O Ego é o complexo central do campo da consciência da personalidade que pode ser considerado como espelho do Self e, por vezes, se comporta como se fosse o todo. A psique compreende, então, a consciência e o inconsciente, sendo que o Ego é o centro da consciência e o Self é o centro e a personalidade total. Pode-se dizer, então, que o herói é uma figura arquetípica que representa um modelo de ego funcionando de acordo com o self.

Cada indivíduo enxerga os contos de fadas de maneira única, uma vez que os protagonistas simbolizam experiências passadas ou desafios que podem estar ocasionando algum tipo de perturbação.

Segundo Bettelheim (2002, p. 20):

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança.

Os contos encantados nos revelam o universo dos nossos ancestrais, onde as preocupações primordiais eram de sobrevivência básica. As narrativas são situadas em uma era em que os pais frequentemente enfrentavam dificuldades para prover o sustento de seus filhos, quando ursos e lobos vagueavam e ameaças desconhecidas espreitavam em florestas tão densas que o seu fim era um mistério. É fácil esquecer que essa era perdurou por um período muito, muito mais longo do que o nosso e deixou uma profunda impressão na psique humana.

Para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções: estar harmonizadas com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Resumindo, deve de uma só vez se relacionar com todos os aspectos de sua personalidade-e isso sem nunca menosprezar a criança, buscando dar inteiro crédito a seus predicamentos e, simultaneamente, promovendo a confiança nela mesma e no seu futuro. (BETTELHEIM, 2002, p, 20).

As personagens nos contos de encantamento são definidas por suas ocupações: camponeses ou lenhadores, alfaiates ou pescadores, reis ou moleiros. A maioria vive na pobreza. As mulheres - inclusive as rainhas - frequentemente morrem jovens devido à constante maternidade; as madrastas cruéis que aparecem em muitas histórias costumam ser adolescentes, herdando a carga de trabalho dos filhos de outras pessoas. Todo tipo de maravilhas pode ser imaginado sobre estranhos e terras além do horizonte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante as narrativas, as crianças começam a perceber que seus temores e incertezas diminuem à medida que o educador as leva a refletir sobre eles. Suas relações sociais passam a ter menos conflitos devido a momentos de diálogo sobre as regras de convivência e respeito estabelecidas em sala de aula.

O amor surge por meio do respeito ao próximo, de gestos altruístas e afetuosos. Assim, a criança percebe que a amizade é um pilar essencial em sua vida cotidiana.

Os contos de fadas auxiliam as crianças a lidarem com angústias e frustrações. Através dessas histórias, elas começam a compreender que situações desfavoráveis podem ocorrer na vida de uma pessoa, mas são passageiras, pois sempre há alguém bondoso - que pode ser representado pela figura da fada, da mãe, da avó, da tia ou até mesmo da professora - para ajudar na resolução dos problemas.

As histórias e os contos possuem a estrutura de um sonho, com deslocamento e simbolismo. Dessa forma, contar e ouvir histórias estimula a capacidade de sonhar e, principalmente, o desejo de narrar os próprios sonhos, revelando uma vida imaginária mais intensa.

Percebemos que quando uma criança, ou mesmo um adulto, lê ou escuta uma história, vivencia experiências diversas e estabelece uma conexão entre a narrativa e sua realidade.

As histórias e os contos de fadas contribuem para o processo de ensino-aprendizagem, exercendo uma grande influência na

cultura brasileira.

Através dos contos de fadas, é possível observar os problemas internos dos indivíduos, principalmente das crianças, e suas atuações em qualquer sociedade.

REFERÊNCIAS

ALBINO, L. Duarte. A literatura infantil no Brasil: origem, tendências e ensino. Disponível em: www.littataru.com/literaturainfantil.pdf. Acesso em 03 ago.2023.

AMARILHA, Marly. Estão mortas as fadas? Literatura infantil e prática pedagógica. Petrópolis: Vozes, 1997.

BETTELHEIM, B. A psicanálise dos contos de fada. Trad. Arlene Caetano. Rio de Janeiro, Paz e Terra. Ed. 16. 2002.

CEZARETTI, Maria Elisa. Nem só de fantasias vivem os contos de fadas. Família Cristã. São Paulo, p. 24-26, maio 1989.

COELHO, Beth. Contar , histórias: uma arte sem idade. São Paulo: Ática, 2001. FRANZ, Marie-Louise Von. A interpretação dos contos de fada: Uma introdução à psicologia dos contos de fadas. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981. FROMM, Erich. A linguagem esquecida: Uma introdução ao entendimento dos sonhos, contos de fadas e mitos. Rio de Janeiro: Zahar, 1962.